

Luciana de Albuquerque Moreira
Jacqueline Aparecida de Souza
Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus
Organizadoras

INFORMAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Luciana de Albuquerque Moreira
Jacqueline Aparecida de Souza
Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus
Organizadoras

INFORMAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Florianópolis, SC
Rocha Gráfica e Editora Ltda.
2020

Selo Nyota

Coordenação do Selo

Franciéle Carneiro Garcês da Silva

Nathália Lima Romeiro

Site: <https://www.nyota.com.br/>

Comissão de avaliadores *ad-hoc*

Dra. Ana Amélia Lage Martins (UNIRIO)

Dr. Edivanio Duarte de Souza (UFAL)

Dr. Guilherme Ataíde Dias (UFPB)

Dra. Janicy Aparecida Pereira Rocha (UNIRIO)

Dr. José Eduardo Santarem Segundo (USP)

Dra. Maria Cristiane Barbosa Galvão (USP)

Dra. Eliane Pawlowski de Oliveira Araújo (UFMG)

Dr. Gustavo Saldanha (UNIRIO)

Dr. Jonathas Luiz Carvalho Silva (UFCA)

Dra. Julianne Teixeira e Silva (UFPB)

Dr. Wagner Junqueira de Araújo (UFPB)

Comissão científica e editorial

Me. Francisco de Assis Noberto G. de Araújo

Dra. Jacqueline Aparecida de Souza

Dra. Monica Marques Carvalho Gallotti

Dra. Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus

Dra. Luciana de Albuquerque Moreira

Dra. Nancy Sánchez Tarragó

Diagramação: Franciéle Garcês, Nathália Lima Romeiro

Arte da Capa: Franciéle Garcês

Revisão textual: Pedro Giovâni da Silva, Franciéle Garcês

Ficha Catalográfica: Priscila Fevrier – CRB 7-6678

143

Informação na sociedade contemporânea / Luciana de Albuquerque Moreira;
Jacqueline Aparecida de Souza; Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus (Org.)
- Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020. (Selo Nyota)
338 p.

Inclui Bibliografia.

Disponível em: <https://www.nyota.com.br/>.

ISBN 978-65-87264-05-9 (impresso)

ISBN 978-65-87264-06-6 (ebook)

1. Ciência da Informação. 2. Informação. I. Moreira, Luciana de Albuquerque. II.
Souza, Jacqueline Aparecida de. III. Tanus, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho
IV. Título.

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA
LICENÇA *CREATIVE COMMONS*



Atribuição – Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil¹

É permitido:

- Copiar, distribuir, exhibir e executar a obra
- Criar obras derivadas

Condições:



ATRIBUIÇÃO

Você deve dar o crédito apropriado ao(s) autor(es) ou à(s) autora(s) de cada capítulo e às organizadoras da obra.



COMPARTILHAMENTO POR MESMA LICENÇA

Se você remixar, transformar ou criar a partir desta obra, tem de distribuir as suas contribuições sob a mesma licença² que este original.

¹ Licença disponível em: <https://goo.gl/rqWWG3>. Acesso em: 01 jun. 2019.

² Licença disponível em: <https://goo.gl/Kdfiy6>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
----------------------	----------

Carlos Alberto Ávila Araújo

APRESENTAÇÃO	13
---------------------------	-----------

PARTE I COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E ESTUDOS MÉTRICOS DA INFORMAÇÃO

CIÊNCIA ABERTA E ACESSO ABERTO PARA O SUL: PERSPECTIVAS CRÍTICAS E DESAFIOS	19
--	-----------

Nancy Sánchez Tarragó

CIÊNCIA ABERTA E ALTMETRIA: APROXIMAÇÕES E DESAFIOS.....	39
---	-----------

Ronaldo Ferreira de Araújo

MAPEAMENTO EXPLORATÓRIO DOS ESTUDOS SOBRE VISUAL ANALYTICS: PRINCIPAIS CONCEITOS, METODOLOGIAS E FERRAMENTAS	51
---	-----------

Alejandro Caballero Rivero

POSSIBILIDADES DE CONVERGÊNCIA ENTRE AS HUMANIDADES DIGITAIS E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	75
---	-----------

Monica Marques Carvalho Gallotti

PARTE II ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO

ONTOLOGIAS EM SAÚDE SOB O PRISMA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: ESTUDO DAS APLICAÇÕES NA REALIDADE BRASILEIRA.....	101
--	------------

Jacqueline Aparecida de Souza

INDEXAÇÃO NA ARQUIVÍSTICA: UMA ANÁLISE TEÓRICO-METODOLÓGICA A PARTIR DOS ARTIGOS CIENTÍFICOS INDEXADOS NA BRAPCI	121
---	------------

André Anderson Cavalcante Felipe

Thais Helen do Nascimento Santos

IMPLICAÇÕES DA FOLKSONOMIA PARA A REPRESENTAÇÃO DE IMAGENS EM SISTEMAS DE RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO..... 143

Raimunda Fernanda dos Santos

Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque

REPRESENTAÇÃO DE IMAGENS E SIGNIFICAÇÃO DA INFORMAÇÃO 169

Giovana Deliberali Maimone

PARTE III INFORMAÇÃO, MEDIAÇÃO E MEMÓRIA

MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO COMO CONTRIBUTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DO PROTAGONISMO SOCIAL 195

Henriette Ferreira Gomes

FOUCAULT E BOURDIEU: REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA BIBLIOTECONOMIA & CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO 213

Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus

APLICAÇÕES DO MÉTODO QUADRIPOlar NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIAS..... 241

Luciana de Albuquerque Moreira

Fernando Luiz Vechiato

Francisco de Assis Noberto Galdino de Araújo

A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA ALEMANHA: UMA REVISÃO DA TRAJETÓRIA INSTITUCIONAL E AUTORAL 269

Jacqueline de Araújo Cunha

José Alexandre da Costa Alves

Lúcia Seixas de Moraes

Rita de Cássia Cordeiro de Castro

Gustavo Silva Saldanha

Gabriel Bernardo Correa

FOUCAULT E BOURDIEU: REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA BIBLIOTECONOMIA & CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus

1 INTRODUÇÃO

A ciência e o pensamento científico são uma construção humana, por isso localizadas em um contexto social, histórico, econômico e cultural que, em um duplo movimento, causa e sofre pressões internas e externas da sociedade. A compreensão remota da ciência (da Filosofia) como uma atividade fruto de relações de saber e de poder antecede o nascimento da própria ciência moderna, que buscava a objetividade, a neutralidade e a verdade científica, regida, sobretudo, pelo plano empírico observacional e quantitativo. Uma delineação acerca da ciência que perdura e é de fundamental importância é a questão do objeto, do método, ou melhor, da construção deles e a sistematização do caminho percorrido. A possibilidade de generalizar o conhecimento e a construção de teorias, que podem ser testadas e/ou refutadas, faz da ciência um campo de disputas e de interesses em constante movimento. E na base do complexo desenvolvimento da ciência, está a elaboração de uma pesquisa científica, que convoca, em uma de suas fases, a explanação de uma metodologia estruturada, isto é, a explicitação do caminho práticos e do teórico, que conformam os procedimentos metodológicos.

Nas Ciências Sociais e Humanas, em particular, na Biblioteconomia e na Ciência da Informação⁴⁸, o que predomina nos

⁴⁸ A denominação Biblioteconomia e Ciência da Informação como 'campos científicos', empregada em outros trabalhos, deriva da apropriação do conceito específico de 'campo', elaborado por Pierre Bourdieu, contemporâneo e amigo de Michel Foucault. Esses dois autores são

trabalhos acadêmicos, em seus capítulos de metodologia, mormente intitulados procedimentos metodológicos, é uma explicação das classificações da pesquisa conforme a abordagem, o objetivo, a natureza e os procedimentos utilizados. Isso é deveras importante para se compreender os caminhos da pesquisa, todavia não deveriam se ater apenas a essas localizações em meio a uma complexidade que a metodologia deveria convocar para seu pleno desenvolvimento, pautada pelo rigor científico da ordem prática e teórica. A base do caminho do pensamento, da explanação dos conceitos e/ou das teorias que subsidiam a pesquisa deveria ser problematizada na metodologia com a exposição do referencial teórico por parte dos autores da pesquisa. Isso porque o fazer da pesquisa científica não é dissociado de conceitos e de teorias que regem o pensamento assim como o plano empírico da pesquisa, que se realiza também com e no plano teórico. Sobre esse emaranhado de explicações dos procedimentos técnicos da pesquisa, é importante ressaltar que

não se trata de negar a formalização lógica considerada como um meio de colocar à prova a lógica em ato da pesquisa e a coerência de seus resultados constitui um dos instrumentos mais eficazes do controle epistemológico; no entanto, essa utilização legítima dos

fundamentais para se pensar no campo do saber como um espaço de poder, travado também a partir das estratégias discursivas, que são intimamente relacionadas aos interesses e ao poder dos agentes e das instituições dentro de uma estrutura. Há que se compreender que as construções teóricas e as instituições são permeadas de agentes que agem conforme os interesses e que acabam conformando uma configuração nem sempre desejada. Para que não se promova mais a invisibilidade da Biblioteconomia, optamos pela nomenclatura 'Biblioteconomia e Ciência da Informação', em que se compreende uma relação permeada do poder simbólico nos dois microcosmos distintos e que fortemente se aproximam.

instrumentos lógicos serve, frequentemente, de caução à paixão perversa por exercícios metodológicos que têm como única finalidade discernível permitir a exibição do arsenal dos meios disponíveis (BOURDIEU, 1999, p. 18).

Não se deve confundir revisão de literatura com referencial teórico. A primeira tem o objetivo de fazer um levantamento de outras pesquisas, de convocar diversos trabalhos relacionados ao tema da pesquisa em desenvolvimento e de demonstrar os pesquisadores e os trabalhos já desenvolvidos sobre o tema em que a pesquisa em processo se encontra e que podem corroborar ou não com a visão do autor. Há, na verdade, uma miríade de motivos para os autores citarem outros trabalhos, o que se constitui como um campo de estudo interdisciplinar convocado pela análise de citações e pelos estudos de comunicação científica no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Por seu turno, o referencial teórico objetiva localizar os conceitos e as teorias apropriadas pelo autor da pesquisa, que constituem o guia epistemológico para a construção e o desenvolvimento da pesquisa. Como bem delineado por Bourdieu (2006), a teoria científica é o *modus operandi*, que orienta e organiza a prática científica.

Se, na revisão de literatura, cabe ao autor citar vários trabalhos desenvolvidos, mostrando que conhece os estudos e as referências, no referencial teórico, o pesquisador é o responsável por localizar suas escolhas, em meio a uma profusão de correntes e escolas de pensamento das Ciências Sociais e Humanas, por exemplo. Outrossim, na metodologia da pesquisa, é essencial que o pesquisador tenha liberdade de selecionar os melhores métodos para responder as hipóteses, os problemas de pesquisa e os objetivos delineados, ou, como diria novamente Bourdieu (2006, p. 24), “livrai-vos dos cães de guarda metodológico”, porque o aprisionamento de métodos, conforme os “ismos” das escolas de pensamento (positivismo, marxismo, interacionismo etc.), devem ser tencionados devido à pesquisa e ao não do cumprimento de

determinado modelo teórico. É preciso combinar os métodos, quando necessários, como ele mesmo fez em suas pesquisas sociológicas, convocando a estatística, entrevista em profundidade, e a observação etnográfica. Com a palavra, Pierre Bourdieu (2006, p. 24):

A pesquisa é uma coisa demasiada séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir rigidez, que é contrário da inteligência e da invenção, com o rigor, e se ficar privado deste ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto das traduções intelectuais da disciplina.

Dito isso, o objetivo deste texto é de expor, mais detidamente, o pensamento de dois autores das Ciências Sociais e Humanas, que poderão constituir referenciais teóricos das pesquisas desenvolvidas na Biblioteconomia e na Ciência da Informação. Há outros diversos autores das Ciências Sociais e Humanas que podem (e são) convocados pelas pesquisas na área, a saber: Jürgen Habermas, Gilles Deleuze, Karl Marx, Pierre Lévy, Walter Benjamin, Edgar Morin, Mikhail Bakhtin, Manuel Castells, Bruno Latour, Peter Berger, Immanuel Kant, Ludwig Wittgenstein, entre outros. Nesse contexto, o(a) pesquisador(a) deve conhecer o pensamento, os conceitos e as teorias dos autores a serem convocados e que vão ao encontro da pesquisa e da postura epistemológica do(a) autor(a). Ampliar os horizontes e convocar filósofos e sociólogos para a construção do pensamento no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação é fundamental para sedimentar o enlace com as Ciências Sociais e Humanas (TANUS, 2016).

Como dito, as ciências são produções humanas em meio aos múltiplos contextos, e como construções humanas, são “sistema de ideias e construções do espírito”, como as teorias e os objetos. Nessa direção, utilizamos a junção ‘Ciências Sociais e Humanas’, devido, justamente, à árdua tarefa de fracionar o indivíduo e a sociedade. A

complexidade do pensamento científico também se traduz nas construções das pesquisas, em particular, nas possibilidades de convocar diferentes autores para construir o referencial teórico. Assim, focalizamos dois camaleões das Ciências Sociais e Humanas: **Michel Foucault** (1926-1984) e **Pierre Bourdieu** (1930-2002), que são muito originais e difíceis de classificar nas “escolas de pensamento” (os dois recusavam e criticavam os esforços para classificar suas obras, uma clara ação arbitrária do conhecimento), em razão da complexidade e da multiplicidade de influências que podem, de modo rápido, aproximá-los, aqui, em razão da superação do estruturalismo, em direção a um pensamento crítico contra a pretensa objetividade fechada em si, neutralidade da ciência e dos saberes, convocando o olhar histórico e social, ou melhor, as condições sociais de produção para uma construção permeada pelos agentes (atores sociais e instituições), que são marcados pelas relações de força e de poder.

Ambos os pensadores foram professores no *Collège de France* e trabalharam com diversas questões da Sociologia e da Filosofia contemporânea. Seus pensamentos ora se aproximam, ora se afastam, mas têm em comum a profundidade das coisas ditas e escritas nas mais diversas produções. Como Callewaert (2003), embora sejam contemporâneos, Foucault nunca escreveu nenhum comentário ou citou Bourdieu. Porém, depois que Foucault faleceu, Bourdieu passou a fazer referências, elogios e críticas as suas obras⁴⁹. Diferentemente de Foucault, ele trabalhou mais detidamente com as

⁴⁹ Poucos meses depois da morte de Foucault, Bourdieu publicou, em 27 de junho de 1984, no *Le Monde*, um texto em que expunha a compreensão da obra do amigo, intitulada ‘Um pensador livre: não me pergunte quem sou eu’, traduzido do francês por Fernando Pinheiro Filho. Além disso, expressou: “A despeito de certa distância temporal, tenho em comum com ele todas essas propriedades *determinantes* e muitas outras que se seguem, notadamente na visão acerca do mundo intelectual. Não é por acaso que estivemos tantas vezes no mesmo lado, ou seja, aliados em face dos mesmos adversários e, por vezes, confundidos pelos mesmos inimigos” (BOURDIEU, 2013, p. 169).

questões empíricas da Sociologia submetendo-as às regras do ofício. Assim, escreveu uma sociologia reflexiva, voltada para uma “lógica da prática”, cujas ações são estudadas no mundo social. Enquanto Foucault se deteve bem mais na Filosofia e na História dos saberes, embora tivesse escrito páginas com contributos numerosos para a Sociologia, apesar de não ser um sociólogo, Bourdieu concentrou-se em uma história social, das práticas sociais, das ações sociais, que consistia numa dimensão de relações objetivas como numa dimensão de envolvimento subjetivo (CALLEWAET, 2003).

Acreditamos que ambos os autores se complementam e contribuem para se pensar na Biblioteconomia e na Ciência da Informação como “campos de saberes científicos” que têm uma formação discursiva composta de seus discursos e um saber que se localiza num espaço e tempo com suas regras externas e internas de funcionamento do campo. É certo que os saberes mobilizam outros limiares e outras formações discursivas que não apenas a ciência, porque saber não é sinônimo de ciência, ou melhor, os saberes são independentes das ciências e podem ser encontrados em outros tipos de discursos, apesar de se saber que toda ciência se localiza em um campo de saber (FOUCAULT, 2009). Então, sem cair numa querela sem fim de Biblioteconomia e Ciência da Informação como arte ou ciência, podemos localizá-las, como já dito, na noção discursiva dos saberes do campo científico. Destarte, tanto Foucault quanto Boudieu marcam presença em diversas publicações e estudos científicos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, com mais força, no cenário internacional, a partir da década de 1990, e no cenário nacional, a partir da década de 2000. Essas considerações são extraídas, respectivamente, da consulta aos nomes de Foucault e Bourdieu nas bases de dados: *Library & Information Science Abstracts* (LISA) e Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), as quais recuperam uma diversidade de textos que se alinham aos estudos críticos em uma oposição ao positivismo e suas crenças.

Esses campos supracitados, notadamente marcados pela prática, requerem a expansão dos conhecimentos teóricos e críticos,

o que os afastaria de um isolacionismo e de um fazer sem reflexão, habilitando-os a uma ação mais relevante e significativa para a sociedade (LECKIE; BUSCHMAN, 2010). Diante do exposto, o objetivo deste texto consiste em demonstrar, ainda que em linhas gerais, o pensamento desses dois autores, fundamentais para construir com mais solidez a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. Em razão da própria extensão e complexidade do pensamento dos autores centrais convocados, este trabalho não esgota o pensamento foucaultiano e o bourdieusiano, assim como não dispensa a leitura, na íntegra, de cada um dos livros desses autores citados aqui, cumprindo mais uma pretensão de expor e de estimular a leitura desses autores e uma futura convocação para a construção dos referenciais teóricos das pesquisas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Convém lembrar que “A vigilância epistemológica impõe-se particularmente, no caso das Ciências do homem nas quais a separação entre a opinião comum e o discurso científico é mais imprecisa que alhures” (BOURDIEU, 1999, p. 23).

2 MICHEL FOUCAULT NO ENLACE DA BIBLIOTECONOMIA & CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Os críticos dividem o pensamento de Michel Foucault, de forma didática, em três momentos distintos: Arqueologia do saber, Genealogia do poder e Genealogia da ética (CANDIOTTO, 2010). Sobre essa divisão do pensamento foucaultiano, esclarecemos que “a identificação desses três momentos em sua investigação, há muito tempo, é um lugar comum, na verdade, constitui uma tentativa aproximada de sistematizar o que não pode ser sistematizado” (CANDIOTTO, 2010, p. 15). Essa delimitação decorre das características comuns, em cada um desses momentos, que, de certo modo, une-os e são representados, respectivamente, pela preocupação com o saber, com o poder e com a ética, nas décadas de 1960, 1970 e 1980.

Nesse primeiro momento, estão os livros: *História da loucura* (1961); *Nascimento da clínica* (1963); *As palavras e as coisas* (1966) e

Arqueologia do saber (1969). Este último se concentra na compreensão metodológica de seu método arqueológico, trabalhado nos livros anteriores, que caracterizam, justamente, o momento denominado de arqueologia do saber. No terceiro livro de Foucault, ele analisa filosoficamente o surgimento das Ciências Humanas e do “homem” (do ser humano) na cultura ocidental. Esse homem, como finito e duplo empírico-transcendental, nasceu no Século XIX, em uma *episteme* moderna, em que há uma ruptura com o saber clássico, de uma *episteme clássica*⁵⁰, marcada pela figura da representação. O homem se torna, então, o sujeito e objeto do conhecimento, um homem que vive, fala e trabalha e é objeto de análise das ciências empíricas: Biologia, Filologia e Economia (saberes que nascem na esteira da *episteme* moderna, antes nomeadas de história natural, gramática geral e análise das riquezas), que conformam as Ciências Humanas (Psicologia, Análise das literaturas e dos mitos e Sociologia).

Foucault (1999) se opõe ao pensamento positivista da ciência, como conhecimento objetivo e de um conhecimento reduzido ao empírico, inserido numa história linear e progressiva, desvelando descontinuidades históricas, subjetividades, processos de interpretação e uma hermenêutica do sujeito. O conhecimento escatológico de Marx em que o homem aparece como uma verdade ao mesmo tempo reduzida e prometida, uma “ingenuidade pré-crítica” também é criticado por Foucault (1999, p. 442). Para Foucault

⁵⁰ O saber clássico está situado na dimensão em que os seres e as coisas são organizados e classificados de acordo com as semelhanças e as diferenças. Por isso, nos Séculos XVII e XVIII, as classificações e as representações do conhecimento são marcantes. Nos Séculos anteriores, XV e XVI, os saberes são marcados pela *episteme* renascentista, em que os conhecimentos são aproximados por quatro formas de similitude: conveniência, emulação, analogia e simpatia. De outro lado, radicalmente diferente, está a *episteme* moderna, que tem como marco a História e a estrutura oculta das coisas. E foi com o fim da Idade Moderna que ocorreu a “morte do homem”. “Então se pode apostar que o homem se desvaneceria como, na orla do mar, um rosto de areia” (FOUCAULT, 1999, p. 536).

(1999), “as ciências do homem”, ou melhor, as ciências humanas não receberam por herança certo domínio já delineado. O domínio das ciências humanas está relacionado ao “triedo dos saberes”: ciências dedutivas (Matemáticas e Físicas); ciências empíricas (Biologia, Filologia e Economia) e as reflexões filosóficas. Podemos fixar o lugar das ciências do homem nas vizinhanças, nas fronteiras imediatas e em toda a extensão dessas ciências em que se trata da vida, do trabalho e da linguagem. “Contudo, nem a Biologia nem a Economia nem a Filologia devem ser tomadas como as primeiras ciências humanas nem como as mais fundamentais” (FOUCAULT, 1999, p. 486).

Foucault (1999) se concentra nesse livro nos discursos e nos saberes, isto é, nos componentes internos das ciências, enquanto que, no momento posterior, os componentes externos se sobressaem. Sobre essa passagem, Castro (2009) demonstra que a instauração de um segundo momento de Foucault decorreu da necessidade de analisar para além dos “acontecimentos arqueológicos” e dos “acontecimentos discursivos” e desvelar nessas categorias as relações de força, de poder, de luta, das estratégias e dos dispositivos que se manifestam de modos diversos nas sociedades e nas instituições. Esse segundo momento de seu pensamento tem como marco de transição sua aula inaugural, *A ordem do discurso*, ministrada em 1970, para assumir a cátedra vacante no *Collège de France*, devido à morte do filósofo Hyppolite, e publicada no ano seguinte com o mesmo título, o qual tem como centralidade a questão do poder e dos regimes discursivos. São expostas, então, formas de controlar, de organizar, de delimitar e de distribuir os discursos em uma sociedade, onde o discurso é fonte de desejo e construção da verdade – “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2004, p. 10).

As obras *Vigiar e punir* (1975) e *História da sexualidade 1: vontade de saber* (1976), bem como *Microfísica do poder* (esta última é uma reunião de outros textos do autor *post-mortem*) fazem parte

desse segundo momento do pensamento foucaultiano. A influência da genealogia de Nietzsche e dos momentos vivenciados no Grupo de Informação sobre as Prisões (GIP) e o maio de 1968 são fulcrais para o enfoque a partir das experiências. “Ele dá, com efeito, a ver o movimento da constituição dos discursos, das práticas, das relações de poder e das subjetividades, e é devido a essa relação com a genealogia que a experiência sai dela mesma modificada” (REVEL, 2005, p. 48-49). Assim, na genealogia, o poder é analisado com base em instituições disciplinares (prisão e escola), práticas e discursos. O poder é afastado da concepção de posse (propriedade) e de sua visão como centrado na figura do Estado (visão unitária) e das Leis (visão judiciária) e passa a ser visto como prática. O poder se exerce e se encontra disperso na estrutura social. Assim, a genealogia não busca a fonte ou a posse do poder nem objetiva uma construção única e linear da origem dos discursos, ela trabalha com a singularidade e a dispersão dos discursos dentro dos regimes de informação, ativando os saberes locais, descontínuos, subjugados por uma relação de poder que é descortinada, com vistas a “desassujeitar os saberes históricos” (REVEL, 2005, p. 53).

O terceiro momento de seu pensamento compreende a *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres* (1984), *História da sexualidade 3: o cuidado de si* (1984), *História da sexualidade 4: as confissões da carne* (2018) – obra publicada *post-mortem* e que completa esse momento de reflexão acerca da “História da subjetivação da sexualidade e da produção de sujeitos de desejo” (DIAS, 2018). Foucault discute sobre a questão da ética, do cuidado consigo, das técnicas de si – técnicas pelas quais os indivíduos se compõem como sujeitos morais ou éticos. Para além do sujeito-saber e do sujeito-poder, o foco recai na construção de um sujeito-ético, buscando perceber a hermenêutica dos sujeitos, suas formas de subjetivação, por meio dos sentimentos, dos valores, das técnicas dos governos de si e dos outros. Esse terceiro momento, igualmente, ocorre com a passagem do primeiro para o segundo e não se forma de uma ruptura de pensamento, mas da ampliação das análises. Se, no primeiro momento, Foucault olhava os saberes e as *epistemes*, no

segundo, ele olha para o poder e os dispositivos e, no terceiro, para a ética por meio das práticas. Com efeito, “a genealogia não abandonará o estudo das formas de saber, nem a ética abandonará o estudo dos dispositivos de poder, mas cada um desses âmbitos será reenquadrado em um contexto mais amplo” (CASTRO, 2009, p. 189).

Esses três momentos podem ser considerados terrenos férteis para uma epistemologia crítica e pós-estruturalista da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Em geral, o momento arqueológico e o genealógico têm como objeto os enunciados, os discursos e os dispositivos, que podem ser de ordem científica ou não, e o saber/poder assume uma centralidade no pensamento foucaultiano. Assim, a cientificidade ou não de um discurso não tem importância, porquanto a questão da cientificidade do conhecimento científico é a própria razão de ser da epistemologia, que percorre o eixo consciência-conhecimento-ciência, enquanto a arqueologia percorre o eixo prática discursiva-saber-ciência (FOUCAULT, 2009). Para Foucault (2009), o saber é o conjunto formado a partir do sistema de positividade e a manifestação, na unidade, de uma formação discursiva, e

não é a soma de conhecimentos, porque desses se deve poder dizer que são sempre verdadeiros ou falsos, exatos ou não, aproximados ou definidos, que é o conjunto de elementos (objetos, tipos de formulações conceitos e escolhas teóricas) formado a partir de uma única e mesma positividade, no campo de uma formação discursiva unitária (FOUCAULT, 2009, p. 111).

Foucault (2009, p. 200) discorre que a prática discursiva que funda os enunciados não está manifestada apenas em uma disciplina de status científico e de pretensão científica: “encontramo-la igualmente empregada em textos jurídicos, em expressões literárias, em reflexões filosóficas, em decisões de ordem política, em propósitos cotidianos, em opiniões”, e a ciência não é

exclusivamente a correspondência de um saber. Outra figura central, além do saber, na arqueologia, são os discursos, que são formados pelos signos, mas não se reduzem a eles; o discurso não é uma unidade objetiva, imediata, da ordem da produção de um sujeito, mas um conjunto que pode determinar a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo; é um espaço de exterioridade que se desenvolve em uma rede de lugares distintos (FOUCAULT, 2009). O discurso não é irreduzível à língua e ao ato da fala e “é esse ‘mais’ que é preciso aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 2009, p. 55).

O horizonte ao qual se dirige a arqueologia não é, pois, uma ciência, uma racionalidade, uma mentalidade, uma cultura, mas um emaranhado de interpositividades, cujos limites e pontos de cruzamento não podem ser fixados de imediato. Ademais, Foucault (2009) explicita que a arqueologia não se ocupa dos conhecimentos descritos segundo seu progresso em direção a uma objetividade, que encontraria sua expressão no presente da ciência, mas da *episteme*, em que os conhecimentos são abordados sem fazer referência ao seu valor racional ou à sua objetividade. A arqueologia, então, volta-se para as condições de existência/históricas dos discursos e para a articulação entre suas regularidades e descontinuidades, fazendo emergirem as positividades do discurso, que vêm sendo discutidas na Biblioteconomia e na Ciência da Informação, desde a década de 1990, com Gary Radford e Bernd Frohmann, pioneiros em se apropriar do pensamento de Michel Foucault em seus escritos da *Library and Information Science* (OSSON, 2010).

No terceiro momento, a tecnologia de poder, como controle, aproxima-se ainda mais da reflexão do exercício da governamentalidade e da sociedade contemporânea que é fundamental para compreender a ação do estado na vida dos indivíduos e da população. Assim, os conceitos de biopoder e biopolítica colocam em cena o poder do governo como práticas disciplinadoras, que é ainda mais fértil em tempos de tecnologias de informação e do conhecimento para se pensar no poder, no controle e na manipulação da vida biológica e da vida em rede. O cuidado de

si, como uma postura ativa de um sujeito ético-político, é um dos caminhos para subjetivar e constituir os próprios sujeitos marcados pelas experiências e técnicas que o transformam em si mesmo, em um processo marcado pela individualização.

Na verdade, muitas são as possibilidades de convocar a vasta produção de Michel Foucault nos estudos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, como já vem sendo feito nas produções nacionais e internacionais. Diversas são as apropriações nas pesquisas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Portanto, o pesquisador precisa ter a clareza do pensamento foucaultiano para abrir com sabedoria a “caixa de ferramentas”. Em uma análise preliminar, sem a devida sistematização das subáreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, ressaltamos alguns temas: política de informação, em que se manifestam as leituras de biopoder, biopolítica e governamentalidade; nos estudos históricos e epistemológicos, a análise do discurso e os momentos arqueológicos e genealógicos, com sua rede conceitual; as práticas de gestão e organização da informação e do conhecimento, marcados por relações de saber e de poder, que passam, cada vez mais, a assumir outra agenda de pesquisa; os sistemas de informação, as práticas informacionais e as discussões sobre os regimes de informação, que, por sua vez, não escapam das estruturas de poder e saber imersos nas “ordens dos discursos”; os estudos bibliométricos e da comunicação científica, que encontram também Michel Foucault para uma construção e uma análise crítica dos sujeitos/autores, das produções e das circulações que produzem índices e efeitos na organização dos saberes. Diversos outros temas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação também se localizam em um pensamento crítico. Essa é a prerrogativa primeira para tal apropriação foucaultiana.

3 PIERRE BOURDIEU NO ENLACE DA BIBLIOTECONOMIA & CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A obra de Bourdieu não segue um esquema de classificação como a de Foucault, que é marcada por três distintos momentos. O fio condutor das obras de Bourdieu são a teoria social e a crítica dos mecanismos de reprodução das desigualdades sociais, a partir de conceitos centrais como os de campo, de capital e de *habitus*. A Sociologia também entra em cena, como a “Sociologia da Sociologia”, discutindo sobre questões teóricas e práticas e sobre o ofício do sociólogo. Dentre alguns de seus livros, estão: *O amor pela arte: museus de arte na Europa e seu público* (1966); *Ofício do Sociólogo: metodologia de pesquisa na Sociologia* (1968); *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino* (1970); *A distinção* (1979); *Questões de Sociologia* (1980); *Homo academicus* (1984); *O senso prático* (1980); *Coisas ditas* (1987); *O Poder simbólico* (1989); *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário* (1992); *A miséria do mundo* (1993); *Razões práticas: sobre a teoria da ação* (1994); *Sobre a televisão* (1996); *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico* (1997); *Contrafogos* (1998); *Para uma sociologia da ciência* (2001). E este último foi publicado em vida e traz os estudos/cursos do *Collège de France*.

Bourdieu escreveu sobre camponeses, artistas, sistema educacional, clérigos, patrões e classes populares, abordando conceitos como os de ideologia, violência simbólica, produção e capital (cultural, simbólico, social), campo (científico, literário, do poder, religioso, jurídico, construção civil, economia regional, pintura, educação superior, político, econômico, do jornalismo, produção intelectual, produção cultural, ciência política, marketing, alta-costura, história em quadrinhos, arte, física...) segmentados segundo sua própria lógica e interesse específicos (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 44), e o conceito de *habitus*, que rompe com o senso comum e com o entendimento de hábito como costume, intimamente ligado ao conceito de campo. Esses são conceitos referenciais que são articulados na pesquisa empírica e subsidiam a construção

sistemática e relacional das pesquisas de Bourdieu, que funda uma ‘Teoria da prática’ ou ‘Filosofia da ação’.

Em relação ao *habitus*, é visto como um sistema de disposições adquiridas e duráveis que podem levar os agentes a resistirem ou se oporem às forças do campo. É por meio dele que é enfatizada a ação do agente dentro da estrutura social, agindo de acordo com as regularidades e as condutas, numa espécie internacionalizada de “regras do jogo”. Essas regras não são postas unicamente pela estrutura social ou pré-estabelecidas, pois a abertura se dá para os dois polos sociológicos: a dimensão individual e simbólica e a dimensão social as condições sociais de produção. Em sua “sociologia relacional reflexiva”, Bourdieu faz transitar a objetividade e a subjetividade dentro do social, em uma dupla imbricação das estruturas mentais dos agentes sociais e as estruturas objetivas do mundo dos objetos (THIRY-CHERQUES, 2006). Defende, portanto, que há estruturas objetivas no mundo social que podem coagir a ação dos indivíduos, todavia essas estruturas dinâmicas também são construídas socialmente, interligadas e imbricadas com a história.

A ação dos agentes se dá na estrutura social, que é permeada pelas relações sociais objetivadas, que são também relações de poder estabelecidas conforme a posição dos agentes no campo. Assim, para Bourdieu, as análises sociológicas não ocorrem no nível micro ou apenas na interação entre os indivíduos, mas também no espaço estruturado de posições, marcado por regras específicas, e como um objeto de disputa, de luta e de poder. Essa relação de interdependência e sistêmica conforma uma sociedade estruturada e marcada pela hierarquização do poder em meio às relações materiais, econômicas, culturais e simbólicas. Para isso, lança a noção de campo como um microcosmo que deve ser compreendido dentro de um universo onde se realizam as abstrações e se desenvolvem as pesquisas sociais. Bourdieu (2006), preocupado também com o pesquisador das pesquisas sociológicas, chama-lhe à atenção para que rompa com as pré-noções interiorizadas, com o senso comum, a fim de que a construção do objeto e do método seja rigorosa.

Se a dissociação entre indivíduo e sociedade não deve ser operacionalizada, igualmente, o binarismo imposto entre método e prática e entre construção teórica e metodologia não é produtivo nem deve ser dicotomizado. Nesse sentido, Bourdieu estabelece que “a teoria científica apresenta-se como um programa de percepção e de ação só revelado no trabalho empírico em que se realiza” (2002, p. 59). A “vigilância epistemológica” impõe-se, particularmente, porque não há dissociação entre o objeto analisado, o ato criador e a ciência em que se realiza a ação. Assim, o objeto científico sofre influência da sociedade e do agente social, que está imerso na estrutura social, ou melhor, em um campo. Portanto, a teoria do *habitus* e a teoria do campo estão entrelaçadas, pois engendram e são engendradas pela lógica do campo social. Nesse contexto, somos os vetores de uma estrutura estruturada que se transforma em uma estrutura estruturante (THIRY-CHERQUES, 2006), certamente, dois conceitos caros à Sociologia Relacional de Bourdieu.

Destarte, o campo ou o microcosmo é um espaço de relações objetivas, que circunscreve um *habitus* específico, que é a internacionalização da estrutura social, a qual é a externalização ou objetivação do social a partir de um campo determinado em um espaço e tempo. O social é composto de diversos campos, formados de agentes que lutam para conservar ou transformar sua estrutura, os quais são regidos por objetos específicos (educacional, artístico, político, científico). No livro ‘*A reprodução*’, em que discute sobre o sistema de ensino, as lutas travadas no campo reproduzem o pensamento hegemônico e conformam uma “violência simbólica”, que reverbera na cultura escolar, dominada pela cultura burguesa através dos códigos comportamentais, linguísticos e intelectuais, que reproduzem as ilusões (*illusio*) necessárias ao funcionamento e à manutenção do sistema (THIRY-CHERQUES, 2006).

Essa violência e a imposição cultural se manifestam, sobretudo, no plano das ideias e da ideologia e passam pela ação das bibliotecas, instituições sociais que manifestam mormente um discurso hegemônico e que, segundo Bourdieu (2006, p. 10), são um produto coletivo e coletivamente apropriado que serve aos

interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais comuns ao grupo. Assim, a cultura dominante luta para legitimar a ordem estabelecida para manter a hierarquização, por meio de uma falsa integração da classe dominada, que se mantém afastada das condições sociais de produção e do acúmulo de capital simbólico, cultural e econômico. E o campo da reprodução simbólica é mais um microcosmo onde acontece a luta simbólica entre as classes, em que a ideologia exerce o papel de manter a estrutura, uma vez que atende aos interesses da classe dominante e seus interesses específicos que controlam as condições de produção e circulação do discurso dominante, revestido de sua função propriamente ideológica (BOURDIEU, 2006).

Em particular sobre o campo científico, Bourdieu (2002) esclarece que “é um campo social como qualquer outro, com suas relações de forças e monopólios, lutas e estratégias, interesses e lucros, mas no qual todas essas invariantes assumem formas específicas”. O conceito de campo científico não se restringe à concepção irenista da ciência, em que seria desenvolvido rumo a um progresso científico em prol do bem comum da ciência, portanto, visto como um lugar de luta política pela dominação e pela autoridade científica. Essa luta pelo acúmulo de capital científico ocorre entre os pesquisadores, que assumem o papel de protagonistas dentro do campo, onde, segundo a própria acumulação do capital cultural e das posições político-científicas de cada um, demarcam suas posições e seus efeitos de poder. Conceitualmente a busca pelos poderes dentro de um campo fica explícita em sua definição:

Campo científico – sistema de relações objetivas entre posições adquiridas em lutas anteriores – é o lugar e o espaço de uma luta concorrencial. O que está em luta são os monopólios da autoridade científica (capacidade científica e poder social) e da competência científica (capacidade de falar e agir legitimamente, isto é, de maneira

autoritária e com autoridade) que são socialmente outorgadas a um agente (BOURDIEU, 2002, p. 1).

Um campo científico assume diferentes estruturas de acordo com as posições e as relações de força entre os agentes, as quais são também relações políticas e históricas. O poder de refração do campo está ligado a sua autonomia, pois, quanto mais um campo é homogêneo, maior é sua capacidade de refratar as pressões externas. Por outro lado, quanto mais um campo é heterogêneo, maior é a sua concorrência, e o controle sobre os discursos é menor, ou seja, pode vir de vários lados ou ordens para além de um discurso em que a concorrência seja mais fechada, pura ou perfeita. No âmbito científico, esses campos menos autônomos estarão sujeitos a mais interferência e influência das pressões externas. Bourdieu (2002) propõe que um mecanismo eficiente para diminuir as pressões externas é a internacionalização do campo, no sentido de que os embates, as lutas ocorram, sobretudo, no seio de um espaço nacional.

Como demonstrado por Hussey (2010), Bourdieu oferece à *Library and Information Science* vários conceitos que podem ser tencionados: *habitus*, capital, poder simbólico, uso da linguagem e campos de produção cultural. Por ser uma profissão de serviços, a compreensão do *habitus* e como ele influencia as visões do mundo pode preparar bem mais os profissionais e o ensino curricular rumo a uma postura crítica e consciente dos processos sociais e históricos. Nessa direção, chamamos a atenção, também, para a Biblioteconomia e a Ciência da Informação como campos sociais e ciências sociais que precisam expor que não há neutralidade e imparcialidade na seleção, na construção e na produção dos objetos científicos. Com Bourdieu, a reflexão do pesquisador social, que extrai seus problemas do mundo social onde ele mesmo vive, é fundamental para as pesquisas sociais, que precisam convocar uma vigilância epistemológica. Apesar disso, as ações não são deslocadas de uma intencionalidade, de uma relação de força e interesses que

estão imbricadas nos agentes e nas instituições. A análise do *habitus* na profissão, no exercício das práticas nas bibliotecas e em outros ambientes assim como as ações exercidas no campo científico passam pela reflexão do *habitus* científico, que tem suas regras do jogo.

Com Bourdieu, cabe à Biblioteconomia e à Ciência da Informação pensarem sobre o capital simbólico e cultural no âmbito das pesquisas científicas e das práticas profissionais, que constituem campo fértil das teorias sociais. As críticas sobre as instituições culturais, e, particularmente, sobre as ações de formação e o desenvolvimento dos acervos, dos serviços e dos produtos, por exemplo, poderiam tensionar a discussão que perpassa o monopólio da classe dominante (classes privilegiadas), em detrimento das classes dominadas. Essas posições ocupadas dentro de um campo, vinculam-se com o acúmulo de capital econômico e cultural, que está longe de ser natural e passa por uma construção ideológica, o que culmina na violência simbólica e em uma imposição de visão de mundo. Imbuídas desse pensamento crítico, as pesquisas que se concentram nas análises de citação e nas comunicações científicas também encontram em Bourdieu (2002) um espaço para compreender os espaços e as forças que cada cientista ou “pares-concorrentes” ocupam no campo a partir justamente do reconhecimento, da visibilidade e da aceitação da comunidade de seu poder simbólico, uma luta em direção à competência e à autoridade científica para agir e falar legitimamente.

4 FOUCAULT E BOURDIEU: PROXIMIDADES PELA VIA DO PODER

Foucault e Bourdieu defendem que a categoria verdade de um discurso científico deve ser vista de modo relativo, e não, totalizante ou globalizante, pois essa produção de conhecimento reside numa espécie particular de condições sociais de produção. “A ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder que a produzem e a apoiam e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem”, o

que configura um “regime de verdade” (FOUCAULT, 2006, p. 14). Bourdieu (2006), por sua vez, defende que um alargamento da noção de “verdade”, a qual não é a correspondência expressa da maneira como ela se apresenta imediatamente, como a ciência e seu objeto, o autor parte das análises das construções sociais permeadas pelas relações de poder. Assim, tanto para o conceito bourdieusiano de campo científico quanto para o método arqueológico de Michel Foucault, a questão da verdade de um discurso ou a especificidade de um discurso científico é colocada em suspensão. O discurso é uma construção histórica, localizado na malha de lutas, de interesses e de poder em prol dessa construção oriunda do sujeito, como o chama Foucault, ou do agente, segundo Bourdieu.

Para Foucault, que aprofunda essa questão do poder, no momento genealógico, o poder não deve ser mais visto como o que uns têm e outros não, como coisa ou propriedade, ou configurado na figura do Estado. O poder é, portanto, algo que se disputa e se exerce nas e pelas relações sociais; é uma prática social que todos podem exercer e sofrer sua ação. “Nunca é o alvo inerte ou consentido do poder, sempre é o centro de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles” (FOUCAULT, 2006, p.183). O poder, para Foucault, envolve uma analítica precisa das instituições disciplinares, no caso do poder disciplinar, que, por meio de técnicas disciplinares, controla os indivíduos, com vistas a construir corpos dóceis. Essas instituições sociais passam a exercer seu poder em meio à configuração da “sociedade disciplinar”, que ocupa o espaço da “sociedade do espetáculo”, que perdurou com o controle e a punição em praça pública. O poder disciplinar passa a envolver o controle do espaço, do tempo, do corpo e de muitos, enquanto não se sabe quem e onde se é vigiado, seguindo o modelo do Panóptico, idealizado pelo filósofo utilitarista e jurista inglês Jeremy Bentham, no final do Século XVIII, abrindo, definitivamente, para a compreensão atual da “sociedade controle”, esta definida por Gilles Deleuze.

No terceiro momento da obra de Foucault, a análise do poder é deslocada para uma leitura de seus efeitos e controles a partir da

coletividade que as tecnologias operam sobre o corpo populacional, nomeado de biopoder. Esse poder desloca-se sobre os corpos dóceis individualizados e passa a ser exercido no controle da população que se manifesta no conjunto de normas, regulamentos, leis e instruções normativas. As questões políticas e econômicas, por sua vez, não estão dissociadas do interesse em manter as massas controladas e esquadrihadas. Outra manifestação do poder trabalhada por Foucault, que se concentra na ética e no sujeito, consiste em compreender como os sujeitos governam a si mesmos e aos outros. A governamentalidade é outra analítica do poder, em que as técnicas de dominação são exercidas sobre o outro e sobre si, o que implica uma gestão da população e um controle das estratégias de liberdade dos indivíduos (REVEL, 2005).

Bourdieu também analisa o poder não como um atributo, mas como uma relação presente na sociedade, sendo que o poder simbólico é “esse poder invisível, que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou o exercem” (BOURDIEU, 2002, p. 8). Diferentemente de Foucault, Bourdieu considera que o poder é distribuído de forma desigual, tendo em vista a apropriação também desigual entre o poder simbólico, o econômico e o político entre os agentes, o que gera posições distintas entre os dominados e os dominantes. Bourdieu (2002) entende que o efeito do poder relaciona-se com o acúmulo de capital científico - um capital simbólico, que o autoriza na proporção de sua força e espaço que ocupa em determinado campo. Assim, é possível perceber uma diferença na manifestação do poder. Bourdieu (2006) concebe a analítica do poder em uma disputa que envolve as classes (dominantes e dominados), que encontram equiparação de seus efeitos segundo as posições que ocupam no campo, e quanto maior for o capital simbólico, cultural e econômico, maior é a condição de se manter e de controlar o poder na esfera do campo social.

Ainda segundo Bourdieu (2006), no campo científico, essa desigualdade também existe porque as estruturas do campo são moldadas pelas ações dos agentes, que lutam pelo poder da

autoridade e pela competência científica. E como detêm esses poderes, acabam impondo “visões de mundo”, uma espécie de construção da realidade que tende a impor um sentido imediato do mundo. Se, para Bourdieu, a posição do agente é indispensável para se pensar nas ações e nos efeitos estratégicos do campo, Foucault também pontua que a posição do sujeito se define pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios e grupos de objetos. Essas posições são construídas no interior de determinada formação social e determinam, assim como são determinadas, as práticas discursivas. Desse modo, o agente fala de um lugar social que é afetado pelas relações de poder que pode constituir o sujeito em sua dispersão e as relações de poder e saber de uma sociedade, de um espaço empírico.

Foucault (2006) acrescenta, particularmente, que os intelectuais fazem parte do sistema de poder, pois emerge dessa categoria a ideia de que eles são, também, agentes da “consciência” e do discurso definidos por um sistema de jogos de poder próprio das práticas discursivas. Assim, poder e saber não se repelem, estão intimamente ligados, pois toda forma de saber produz poder, e todo poder pressupõe um campo de saber (FOUCAULT, 2006). Por sua vez, o campo científico da Biblioteconomia e da Ciência da Informação não escapa dos mecanismos ou instrumentos estruturantes dos capitais simbólicos e científicos, dessa lógica do campo e do *habitus* de seus agentes ou das relações de poder-saber, de uma vontade de verdade dos discursos e seus efeitos, demarcando na *episteme* moderna ou na história os acontecimentos, as continuidades e as descontinuidades discursivas do campo. Como bem colocado, [...] para ambos, o poder não é entendido como objeto ou coisa pertencente a algo ou a alguém, mas como fruto de relações sociais estabelecidas no interior da sociedade, como lembra Foucault, ou no seio dos campos sociais, como argumenta Bourdieu (CAFÉ; RIBEIRO; PONCZEK, 2016, p. 240).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nada é mais perigoso que reduzir uma filosofia, principalmente tão sutil, complexa, perversa, a uma fórmula de manual”
(BOURDIEU apud Eribon, 1990, p. 307).

Apropriar-se desses dois autores das Ciências Sociais e Humanas requer a consciência de que os livros não são objetos inertes e sem efeitos, pois podemos abrir qualquer um e utilizar os conceitos, os métodos e as teorias como “ferramentas” (BOURDIEU, 1999, p. 13) ou como “caixas de ferramentas” (FOUCAULT, 1975). E e “se as pessoas estão dispostas a abri-los, a se servir dessa frase, daquela idéia, de uma análise como de uma chave de fenda ou um parafuso solto para provocar um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, eventualmente até os mesmos que inspiraram meus livros, tanto melhor!” (FOUCAULT, 1975, p. 16). Na verdade, podemos ainda extrapolar a noção de ferramenta, como disse Foucault (2010, p. 266):

O ideal não é fabricar ferramentas, mas construir bombas, porque, uma vez utilizadas as bombas que construímos, ninguém mais poderá se servir delas. E devo acrescentar que meu sonho, meu sonho pessoal, não é exatamente o de construir bombas, pois não gosto de matar pessoas. Mas gostaria de escrever livros-bombas, quer dizer, livros que sejam úteis precisamente no momento em que alguém os escreve ou os lê.

As produções dos dois autores - Michel Foucault e Pierre Bourdieu - não devem ser lidas e apropriadas individualmente. É preciso compreender o pensamento de cada um em sua extensão e em seu contexto de produção. Isso não quer dizer que cada um dos livros não possa ser lido e, especificamente, citado, a questão é que

ambos construíram conhecimentos que se interligam e convocam o leitor a entender o contexto, o todo e, depois, conscientemente, fazer suas escolhas por obras, por conceitos, sem perder de vista a relação do conhecimento. A complexidade dos escritos desses dois autores contemporâneos é indispensável para uma construção crítica da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. O problema de fundar uma teoria é caro a ambos os autores, que destacam o caráter regional e provisório das teorias, em vez de totalizantes e deslocadas da prática e dos contextos históricos de produção. Assim, como bem posto por Veiga-Neto (2009), as teorizações realizadas por Michel Foucault e Pierre Bourdieu são um processo aberto, em vez de teoria pronta e acabada:

Jamais foi uma teoria-figurino que ele depois viesse a usar como medida-padrão-modelo-gabarito, na montagem de um método, para identificar o quanto, o porquê, o como, o em que cada um se afastou daquilo que deveria ser como sujeito; ou cada instituição, ou cada configuração social e política, ou cada código moral etc. se afastou de um suposto modelo (VEIGA-NETO, 2009, sem paginação).

Michel Foucault e Pierre Bourdieu escreveram teorizações, discutiram sobre as teorias, que são construções epistemológicas regionais objetos de disputa e condições sociais de produção históricas, em que ambos não separavam as teorias das práticas, elas são práticas. A extensão do pensamento foucaultiano e do bourdieusiano não se restringe às obras supracitadas, pois ambos são conhecidos pela diversidade de outras produções – palestras, entrevistas, aulas ministradas, conferências em eventos etc. (a coleção *Ditos e Escritos*, composta de mais de dez volumes, reúne parte dessa produção de Michel Foucault). Também não se podem tomar os livros como manuais de metodologia, porque ambos os autores estão muito além disso, de um caminho rigoroso do método e evitam, inclusive, o uso da palavra metodologia, como lembra

236

Veiga-Neto (2009). Assim, Foucault e Bourdieu utilizaram, respectivamente, as expressões “modo de ver as coisas” e “instauração dos pontos de vista” em suas pesquisas teóricas e empíricas, sob a “vigilância epistemológica”, que também deve ser uma prática e o ofício de todo pesquisador que desenvolve pesquisas no campo das Ciências Sociais e Humanas e, por sua vez, da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Um pensador livre: “Não me pergunte quem sou eu”. **Tempo Social**: Revista de Sociologia da USP, v. 25, n. 1. p. 169-175.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato. **A Sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: olhos d’água, 2002. cap. 2, p. 112-143.
- BOURDIEU, Pierre. **Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **A profissão de sociólogo**: preliminares epistemológicas. São Paulo: Vozes, 1999.
- CAFÉ, Anderson; RIBEIRO, Núbia; PONCZEK, Roberto. Construindo uma cartografia do poder sob as óticas de Michel Foucault e Pierre Bourdieu. **Saberes**, Natal, v. 1, n. 14, p. 238-262, out. 2016.
- CALLEWAERT, Gustave. Bourdieu, crítico de Foucault. **Educação, sociedade e culturas**, n. 19, p. 131-170, 2003.
- CANDIOTTO, Cesar. **Foucault e a crítica da verdade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DIAS, Diego Madi. Histoire de la sexualité IV: Les aveux de la chair. **Sex., Salud Soc.**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 246-257, apr. 2018.
- FOUCAULT, Michel. Des supplices aux cellules (entretien avec R.-P. Droit), **Le Monde**, n. 9363, p. 21, février 1975.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso**. 11 ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a arqueologia das ciências, resposta ao círculo de epistemologia. In: MOTTA, Manoel Barros da. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, Michel. Diálogo sobre o Poder. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**. Estratégia e poder. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 253-266. v. 4.
- FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação na contemporaneidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 7., Marília, **Anais...** Marília: [s.n.], 2006.
- HUSSEY, Lisa. Social Capital, Symbolic Violence, and Fields of Cultural Production: Pierre Bourdieu and Library and Information Science. In: LECKIE, Gloria; GIVEN, Lisa M.; BUSCHMAN, John E. **Critical theory for library and information science: exploring the social from across the disciplines**. Santa Barbara, California: Libraries Unlimited, 2010. p. 41-52.
- LECKIE, Gloria; BUSCHMAN, John. Introduction: The Necessity for Theoretically Informed Critique in Library and Information Science (LIS). In: LECKIE, Gloria; GIVEN, Lisa M.; BUSCHMAN, John E. **Critical theory for library and information science: exploring the social from across the disciplines**. Santa Bárbara, Califórnia: Libraries Unlimited, 2010. p. VII-XXII.
- MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. 3. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.
- OLSSON, Michael. Michel Foucault: discourse, power/knowledge, and the battle for truth. In: LECKIE, Gloria; GIVEN, Lisa M.; BUSCHMAN, John E. **Critical theory for library and information science: exploring the social from across the disciplines**. Santa Barbara, Califórnia: Libraries Unlimited, 2010. p. 41-52.
- REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

- TANUS, Gabrielle Francinne de S. C. **Saberes científicos da Biblioteconomia em diálogo com as Ciências Sociais e Humanas**. 2016. 233 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP**, Rio de Janeiro, v. 40, n.1, p.27-55, jan./fev. 2006.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 34, p. 83-94, set./dez. 2009.

